

The background of the cover features a dark purple gradient with several musical staves and notes rendered in a metallic, reflective style. A large treble clef is prominent on the right side. The scene is filled with soft, out-of-focus bokeh lights in shades of orange, yellow, and white, creating a warm and artistic atmosphere.

As Práticas e a Docência em Música 2

Cláudia de Araújo Marques
(Organizadora)



As Práticas e a Docência em Música 2

Cláudia de Araújo Marques
(Organizadora)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
 Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
 Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
 Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
 Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
 Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
 Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
 Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Douglas Santos Mezacas -Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
 Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
 Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
 Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Me. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
 Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
 Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
 Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P912 As práticas e a docência em música 2 [recurso eletrônico] /
 Organizadora Cláudia de Araújo Marques. – Ponta Grossa, PR:
 Atena, 2020.

 Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-86002-83-6
 DOI 10.22533/at.ed.836200204

 1. Música – Instrução e estudo. 2. Prática de ensino.
 3. Professores de música – Formação. I. Marques, Cláudia de Araújo.

 CDD 780.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A coleção “As Práticas e a Docência em Música 2” é uma obra que tem como objeto de reflexão científica por intermédio de trabalhos diversos que compõe seus capítulos. O volume abordará de forma categorizada e interdisciplinar trabalhos, pesquisas, relatos de casos e/ou revisões que transitam nos vários caminhos da educação musical e das práticas musicas.

O objetivo central foi apresentar de forma categorizada e clara estudos desenvolvidos em diversas instituições de ensino e pesquisa do país. Em todos esses trabalhos a linha condutora foi o aspecto relacionado à musical nas suas relações de ensino-aprendizagem, práticas musicais, música e cultura. A música em seus diversos campos de conhecimento tem avançado em fazeres integrando ações que venham aperfeiçoar o pluralismo musical, seja na pesquisa, na educação musical ou na interpretação.

Temas diversos e interessantes são, deste modo, discutidos aqui com a proposta de fundamentar o conhecimento de acadêmicos, mestres e todos aqueles que de alguma forma se interessam pela música em seus aspectos multifacetado. Possuir um material que demonstre evolução de diferentes estudos sobre o fazer musical com dados substanciais de regiões específicas do país é muito relevante, assim como abordar temas atuais e de interesse direto da sociedade.

Deste modo, a obra *As Práticas e a Docência em Música* apresenta uma teoria bem fundamentada nos resultados práticos obtidos pelos diversos professores e acadêmicos que arduamente desenvolveram seus trabalhos que aqui serão apresentados de maneira concisa e didática. Sabemos o quão importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos também a estrutura da Atena Editora capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para estes pesquisadores exporem e divulguem seus resultados.

Cláudia de Araújo Marques

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ASPECTOS CULTURAIS DE ESCOLAS DE MÚSICA PÚBLICAS DA BAIXADA LITORÂNEA DO RIO DE JANEIRO: ENTREVISTA A EX-ALUNOS QUE ATUAM PROFISSIONALMENTE	
Fabiano Lemos Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.8362002041	
CAPÍTULO 2	11
MÚSICA FOLCLÓRICA E EDUCAÇÃO MUSICAL	
Cristina Rolim Wolffenbüttel	
DOI 10.22533/at.ed.8362002042	
CAPÍTULO 3	23
ENSINO DE PERCEPÇÃO MUSICAL: UMA EXPERIÊNCIA COM TURMAS INICIAIS E INICIADAS SOB O VIÉS DO TRADICIONAL E DA LINGUAGEM MUSICAL	
José Simião Severo	
DOI 10.22533/at.ed.8362002043	
CAPÍTULO 4	37
GRUPO CHORINHO NA PRAÇA: APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO PARA REALIZAÇÃO DA PRÁTICA MUSICAL COLETIVA DA RODA DE CHORO - JARDIM CAMBURI / VITÓRIA - ES	
Marcelo Rodrigues de Oliveira	
Michele de Almeida Rosa Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.8362002044	
CAPÍTULO 5	47
O USO PEDAGÓGICO DO <i>SOFTWARE</i> MUSIBRAILLE: PROFESSOR E ALUNOS INICIANTE NA MUSICOGRAFIA BRAILLE	
Leonardo Souza	
DOI 10.22533/at.ed.8362002045	
CAPÍTULO 6	60
SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS POR ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL À NOÇÃO DE MÚSICA	
Leandro Augusto dos Reis	
Francismara Neves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.8362002046	
CAPÍTULO 7	74
DESPIQUE TROPICAL - A RIVALIDADE NAS MEMÓRIAS E NARRATIVAS DAS BANDAS FILARMÔNICAS PORTUGUESAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	
Antonio Henrique Seixas de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.8362002047	
CAPÍTULO 8	89
O ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLÊSA : PROPOSTA METODOLÓGICA COM APLICAÇÃO NA MÚSICA	
Eliel Viana Rodrigues	
Anne Louise Fernandes de Medeiros	
Poliana Silva Costa	
Rilma Ferreira de Araújo	

Oselita Figueiredo Corrêa
Armando de Nazaré Fayal Barra
João Batista Santos de Sarges
Maria da Trindade Rodrigues de Sarges
José Francisco da Silva Costa

DOI 10.22533/at.ed.8362002048

CAPÍTULO 9 103

PERFORMA: PRÁTICAS EXTENSIONISTAS EM DIÁLOGO COM A PRÁTICA DA PESQUISA EM MÚSICA

Joyce Maria dos Reis Santana
Simone Marques Braga
Sílvia Azevedo de Oliveira
Wellington Nonato dos Santos
Vanessa Victória Silva Pereira
Paulo Roberto Simões Torres
Maria Vanessa Brito de Oliveira Quade
Camilo de Jesus Nascimento
João Vitor Oliveira Sodré Alencar Machado
Laís de Souza Silva
Alan Silva de Souza

DOI 10.22533/at.ed.8362002049

CAPÍTULO 10 115

O USO DOS SONS, DOS RITMOS E DAS RIMAS NO TEXTO LITERÁRIO COMO UM RECURSO METODOLÓGICO PARA O ENSINO DE LITERATURA

Maria Beatriz Licursi Conceição

DOI 10.22533/at.ed.83620020410

SOBRE A ORGANIZADORA..... 123

ÍNDICE REMISSIVO 124

DESPIQUE TROPICAL - A RIVALIDADE NAS MEMÓRIAS E NARRATIVAS DAS BANDAS FILARMÔNICAS PORTUGUESAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Data de aceite: 27/03/2020

Antonio Henrique Seixas de Oliveira

Doutor em Memória Social pela UNIRIO

Rio de Janeiro - RJ

Investigador do projeto “A Nossa Música, o nosso mundo – Associações musicais, bandas filarmônicas e comunidades locais (1880-2018)” - PTDC/CPC-MMU/5720/2014, financiado pela FCT, POCI-01-0145-FEDER-016814.

RESUMO: O presente artigo discute, em uma abordagem interdisciplinar, fundamentada no campo da memória social, de que forma as rivalidades operam entre as bandas filarmônicas portuguesas da cidade do Rio de Janeiro. Descreverei, na primeira seção, a relevância das bandas filarmônicas em Portugal e sua atuação nas festas religiosas naquele país. Na segunda seção apresentarei o referencial teórico que embasa o presente trabalho baseado nos conceitos de memória e narrativas em um paradigma socioconstrucionista. Na terceira seção analisarei periódicos locais e segmentos narrativos de experiências pessoais colhidas em entrevistas individuais com sujeitos que atuam nas bandas portuguesas em atividade, procurando identificar de que forma a rivalidade opera como componente de manutenção

e aprimoramento nas bandas filarmônicas portuguesas da cidade do Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE: Bandas Filarmônicas Portuguesas. Migração. Rio de Janeiro. Memórias. Rivalidade.

ABSTRACT: This article discusses, through an interdisciplinary approach, based on the field of social memory, how rivalries operate between the Portuguese philharmonic bands of the city of Rio de Janeiro. I will describe, in the first section, the relevance of philharmonic bands in Portugal and their performance in religious *festas* in that country. In the second section, I will present the theoretical reference that supports the present work relating memory and narratives in a socioconstructionist paradigm. In the third section, I will analyze local newspapers and narrative segments of personal experiences collected from individual interviews with subjects who still participate in active Portuguese bands, attempting to identify how rivalry operates as a component of maintenance and improvement in the Portuguese philharmonic bands of the city of Rio de Janeiro.

KEYWORDS: Portuguese Philharmonic Bands. Migration. Rio de Janeiro. Memories. Rivalry.

1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo integra meu o trabalho de doutoramento, cujo foco dirigiu-se ao processo de construção das memórias das bandas filarmônicas fundadas pelos migrantes portugueses na cidade do Rio de Janeiro, a partir de 1920, e da compreensão da sua realidade atual.

Antes de abordarmos os temas elencados para esta Introdução, acredito ser fundamental o estabelecimento do conceito de “banda filarmônica” a fim de se obter uma melhor compreensão sobre o assunto. As *bandas filarmônicas* são bandas de música civis amadoras, em Portugal, cujo modelo organizacional foi inspirado nas antigas Sociedades Filarmônicas - sociedades sem fins lucrativos constituídas de sócios que pagam anuidades e que compõem uma Assembleia Geral e um Conselho Administrativo que é responsável pela gerência de suas atividades em conjunto com um maestro ou com uma comissão artística, segundo Granjo (2005).

O primeiro grupo do gênero fundado por migrantes portugueses na cidade do Rio de Janeiro foi a Banda do Centro Musical da Colônia Portuguesa, em 1920. Desde então, outras bandas foram criadas, a partir de cisões nas bandas pré-existentes, e encerraram suas atividades como a Banda Lusitana e a Banda União Portuguesa. Foi possível constatar a existência destas bandas, fundadas na década de 1920, através de pesquisa em periódicos na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e, também, no Álbum da Colônia Portuguesa no Brasil, publicado em 1929.

Até meados da década de 1990, estavam em atividade no estado do Rio de Janeiro quatro bandas filarmônicas portuguesas: Banda Portugal (1921), Banda Lusitana (1923), Banda Portuguesa de Niterói (1929) e Banda Irmãos Pepino (1958). Atualmente só restaram a Banda Portugal e a Banda Irmãos Pepino atuando, ainda assim, de forma bastante precária se compararmos ao apogeu que vivenciaram até o início da década de 1990.

A pesquisa nos periódicos revelou que estes grupos musicais cumpriam um papel cultural relevante na sociedade carioca do século XX, apresentando-se em batalhas de confetes, teatros, retretas, solenidades cívicas e religiosas, além de realizar festivais e atividades beneficentes. A Banda Portugal, com sua sede na extinta Praça XI, foi umas das sociedades recreativas mais importantes da cidade do Rio de Janeiro e sua banda de música, por muitos anos, vencedora dos principais concursos de bandas realizados no estado do Rio de Janeiro servindo como referência e elevando o nível das bandas de música da região.

A fim de construir as memórias destes grupos musicais e procurar compreender os motivos que levaram à sua situação de declínio atual adotamos, também procedimento metodológico, além da pesquisa em periódicos locais, a realização de entrevistas individuais com sujeitos que ainda fazem parte destes grupos musicais.

Utilizaremos, no presente artigo, entrevistas realizadas com os maestros das duas bandas que ainda estão em atividade além de uma musicista.

A partir das memórias trazidas à tona pela pesquisa documental e pelas entrevistas nas suas narrativas de experiências pessoais a propósito da rivalidade entre estes grupos musicais, evidenciaremos, no presente estudo, como esta opera entre as bandas filarmônicas portuguesas da cidade do Rio de Janeiro.

Na próxima seção explicitaremos a relevância das bandas filarmônicas nas festividades religiosas em Portugal, sobretudo, no norte do país e nos Arquipélagos dos Açores e da Madeira, e como opera a rivalidade entre elas nos chamados “despiques”.

2 | BANDAS FILARMÔNICAS EM PORTUGAL E OS DESPIQUES

Através de pesquisa no site português www.bandasfilarmonicas.com, mantido pela loja de instrumentos musicais Cardoso & Conceição, localizada em Santa Maria da Feira, distrito de Aveiro, e dedicado às bandas filarmônicas em Portugal, pudemos obter diversas informações sobre estes grupos musicais naquele país. A parte do site que mais nos chamou a atenção, no tocante ao presente estudo, foi a catalogação das bandas filarmônicas em Portugal por distrito, além das bandas filarmônicas em atividade no espaço da migração portuguesa em países como Brasil, Estados Unidos, Canadá, França e Austrália.

Segundo Salwa Castelo-Branco (1997), a vida das bandas filarmônicas em Portugal está intimamente ligada ao ciclo anual de festas religiosas e profanas, nas quais, desempenham um papel fulcral, sobretudo, nas regiões centro e norte do país, além dos Arquipélagos dos Açores e da Madeira. As *festas* são a denominação dada às celebrações públicas em honra de um santo ou da Virgem Maria associada a uma determinada localidade, normalmente uma Freguesia (Paróquia) ou Concelho (Município). A grande maioria das *festas* é realizada durante o verão Europeu, no período entre os meses de junho e setembro e, para inúmeras comunidades a *feira*, também conhecida como romaria, é o evento mais importante do ano, inclusive com significativas implicações econômicas, pois neste período - que coincide com as férias - muitos migrantes retornam às suas terras natais com suas famílias, o que contribui para a atividade econômica das localidades.

A autora afirma que antes do advento dos microfones e meios elétricos de amplificação, em meados do século XX, as bandas filarmônicas, presentes em todos os momentos mais importantes das *festas*, eram responsáveis por assegurar a sua paisagem sonora. Os instrumentos de sopro possuem maior projeção sonora e, por esse motivo, Reily e Brucher (2013) observam que são preferidos em eventos públicos ao ar livre em todo o mundo, além da sua capacidade de execução em

movimento, ideal para atuações em desfiles. André Granjo (2005) afirma que, ainda hoje, as *festas* continuam a ser os locais mais importantes para as apresentações destes grupos musicais.

Durante minha observação participante, realizada entre maio e final de agosto de 2017, junto à Banda Nova de Fermentelos, como músico/pesquisador, pude constatar que estas *festas* têm duração de, praticamente, um dia inteiro. As bandas se apresentam em diferentes momentos como na “arruada” (desfile matinal para saudar o local da festa e seus organizadores, também conhecidos como “mordomos”), na missa, na procissão e nos concertos realizados durante o dia. É comum, nestas *festas*, a participação de, pelo menos, duas bandas num mesmo dia, o que evoca um tema muito comum na relação entre as bandas filarmônicas em Portugal - a rivalidade.

Brucher (2010), considera que no centro e no norte de Portugal as bandas filarmônicas constroem suas reputações em apresentações chamadas *despiques* nas quais, duas bandas se revezam apresentando números musicais como parte do entretenimento secular durante a *festa*. A autora atesta que, embora um *despique* não seja, oficialmente, uma competição, não tem valor se não for competitivo. Os membros das bandas filarmônicas consideram um “despique ideal” quando este inflama tanto o entusiasmo dos músicos como do público enquanto as bandas travam um “duelo sonoro”. Durante o verão as bandas se apresentam em despiques quase todo fim de semana.

A competição se desenrola dentro de certas convenções nas quais a chamada “*banda da festa*” inicia a apresentação e a banda convidada executa, a seguir, obrigatoriamente, uma obra do mesmo gênero da executada pela banda anterior. Repetir uma peça já executada ou mudar de gênero musical da obra apresentada pela “*banda da festa*” viola as “regras do despique”. Depois de cada peça, os fãs da banda que termina de tocar, posicionados à frente da sua respectiva banda, aplaudem enquanto a outra banda posiciona uma placa anunciando sua próxima música. Os despiques podem se estender até a madrugada e, normalmente, são encerrados pelas duas bandas tocando uma peça em conjunto, em geral, uma marcha.

Na próxima seção apresentaremos o referencial teórico que embasa o presente estudo, evidenciando as relações entre memória social e narrativas.

3 | MEMÓRIA E NARRATIVAS

Conforme destacamos, na Introdução, o processo de construção das memórias das bandas filarmônicas portuguesas da cidade do Rio de Janeiro foi realizado, em parte, através das narrativas colhidas em entrevistas individuais realizadas no

decorrer da pesquisa com sujeitos que fazem parte destes grupos musicais, tais como músicos e maestros das bandas. Neste sentido é importante ressaltar que o arcabouço teórico para tal análise será fundamentado nos conceitos de memória social e narrativas de experiências pessoais, entendendo-os como construções sociais que acontecem na interação entre as pessoas.

Bastos (2005) observa que contamos histórias em diferentes contextos sociais e situações e que estudar essas histórias é uma forma de compreender a vida em sociedade, transmitindo o sentido de quem somos e construindo relações com os outros e com o mundo que nos cerca. Neste sentido Bruner (1997) afirma que as narrativas são construídas quando são violadas as crenças constituintes do senso comum, ou seja, contamos histórias sobre o que é extraordinário, incomum e Spink e Frezza (2004), complementarmente a Bruner (1997), consideram que é o senso comum que constitui o tecido de significados sem o qual nenhuma sociedade poderia existir.

Bastos (2008) explica que o estudo da narrativa, na Sociolinguística, foi introduzido pelos trabalhos de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972), que o definiram como um método de recapitular experiências passadas combinando uma sequência verbal de orações com uma sequência de eventos que (presume-se) ocorreram de fato. Na percepção da autora, as narrativas

“[...] não são mais consideradas como representações diretas e transparentes de eventos passados, mas sim como recontagens seletivas e contextualizadas de lembranças de eventos.” (BASTOS, 2008, p. 94).

Desta forma, Bastos (2008), afirma que falamos sobre nossas experiências passadas guiados pelo filtro de nossas emoções o que faz com que transformemos e recriemos a nossa experiência.

Esta análise está em consonância com autores da memória social como Gondar (2016) que afirma, com relação às memórias e emoções, que não existem lembranças fora de um contexto afetivo, e destaca que a memória configura um contínuo embate entre lembrança e esquecimento. A autora considera que se, como artifício explicativo, o processo de produção mnemônica pudesse ser desdobrado em etapas, o afeto deveria ser considerado a primeira de todas, pois, das experiências que vivemos no presente, selecionamos, como impressões ou lembranças, aquelas que nos afetam em um campo de relações, e o que nos afeta é o que rompe com o lugar comum em que vivemos. Desse modo, completa Gondar (2016), se a memória é um processo, o que o deflagra são relações e afetos – em outros termos, são jogos de força, considerando, ainda que “existem algumas situações em que o afeto e a lembrança se fundem num complexo indissolúvel” (GONDAR, 2016, p. 38). Farias (2011) acrescenta à análise anterior a dimensão criativa no processo de construção da memória, considerando que existem traços referentes às experiências vividas,

que concernem à produção de diferentes arranjos subjetivos, mas que não podem ser pensados como um mero armazenamento, ou seja, um arquivo do passado e sim uma espécie de virtualidade passível de atualização.

Na próxima sessão apresentarei três matérias obtidas através da pesquisa em periódicos locais e três segmentos narrativos extraídos das entrevistas com os maestros e músicos das bandas em atividade, analisando como a rivalidade opera nas relações entre as bandas filarmônicas portuguesas da cidade do Rio de Janeiro.

4 | MEMÓRIAS NA IMPRENSA E NARRATIVAS SOBRE A RIVALIDADE ENTRE AS BANDAS FILARMÔNICAS PORTUGUESAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

A metodologia utilizada para o presente trabalho, com a pesquisa em periódicos e a realização de entrevistas individuais, teve o objetivo de revelar e construir as memórias das bandas filarmônicas portuguesas da cidade do Rio de Janeiro com vistas à compreensão da sua realidade atual. Nesta seção, apresentarei e analisarei estes dados à luz do referencial teórico exposto anteriormente.

4.1 Memórias na imprensa

A seguir, nesta seção, exporei dois anúncios de jornais da década de 1920 e uma matéria da década de 1960, que demonstram como a rivalidade entre as bandas portuguesas da cidade do Rio de Janeiro já era fomentada, em especial, pelos próprios migrantes portugueses que moravam na cidade, replicando o modelo dos despiques realizados em Portugal.

A pesquisa em periódicos da década de 1920 nos permitiu observar que, em 1924, já se realizavam disputas para saber qual era a melhor banda como podemos observar na divulgação abaixo:



Figura 1 - Festival na Quinta da Boa Vista anunciando o Concurso de Bandas Portuguesas

Fonte: A Noite, 04 jul. 1924 - p. 5

A matéria acima, publicada no jornal *A Noite* de 04 de julho de 1924, informa que foi realizado um festival na Quinta da Boa Vista em benefício do Patronato Agrícola Sete de Setembro que, dentre as diversas atrações, promoveu um concurso entre a Banda do Centro Musical da Colônia Portuguesa e a Nova Banda da Colônia Portuguesa - que posteriormente viria a denominar-se Banda Portugal - no qual, as bandas deveriam executar a Abertura da Ópera “O Guarany”, de Antonio Carlos Gomes e uma outra obra à escolha da comissão nomeada pelo Centro Musical do Rio de Janeiro. O primeiro prêmio do concurso, uma medalha de ouro, foi atribuído à Banda do Centro Musical da Colônia Portuguesa, que se apresentou sob a regência do maestro Arlindo Pastor, e o segundo prêmio coube à Nova Banda da Colônia Portuguesa que recebeu uma medalha de prata. O júri foi composto por uma comissão de músicos, conforme publicado no jornal *A Noite* do dia 10 de julho de 1924.

Na Figura 2, a seguir, podemos observar a realização de um novo concurso entre as bandas portuguesas da cidade do Rio de Janeiro, publicado no jornal *Crítica* de 23 de junho de 1929, no âmbito da Festa de São João, no Bairro de Fátima, região central da cidade do Rio de Janeiro. Participaram deste certame a Banda do Centro Musical da Colônia Portuguesa, a Banda Portugal e a Banda Lusitana. A escolha da melhor banda se deu por votação popular e a vencedora recebeu como prêmio uma medalha de ouro e seu maestro uma valiosa batuta.

Grandes Festas Joaninas

RUA DO RIACHUELO, 221

HOJE, 23 — VESPERA DE S. JOÃO

FESTAS IMPONENTES

— Zulmira Miranda —:— Medina de Souza —
 — Grupo de Guitarristas — Grupo de Tritanas —
 — NOVO FOGO DE ARTIFICIO —

todo preço, que só poderá ser admirado dentro do campo — Notavel
 trabalho do grande pyrotecnico NARCIZO RAMALHEDA

Banda do Centro Musical da Colonia Portugueza

— Grande Fogueira de S. João no meio do campo —
 Grande Arraial á Minhota — Feerica iluminação

Amanhã 24-Dia de S. João

GRANDE CONCURSO das Bandas Portuguezas

QUAL A MELHOR E MAIS SYMPATHICA DAS TRES BANDAS
 PORTUGUEZAS ?

Banda do Centro Musical da Colonia Portugueza

BANDA LUSITANA e BANDA PORTUGAL

Em tres coretos tocarão, alternadamente, as tres Bandas. Depois de cada
 uma tocar 2 peças do seu repertorio e de sua escolha, o publico collocará
 na urna o seu voto para a Banda que mais lhe agradou.

NAO HAVERA' JURY — O PUBLICO — SERA' O GRANDE JUIZ
 — CADA ENTRADA TEM UM VOTO —

PREMIOS — Uma riquissima medalha de ouro para a Banda. Uma
 artistica e valiosa batuta para o maestro.

Continuação das meamas festas da vespera — ZULMIRA MIRANDA —
 MEDINA DE SOUZA — NOVO FOGO DE ARTIFICIO e outras
 grandes atrações.

— ENTRADA GRATIS A GRUPOS DE TOCADORES —
 e creanças acompanhadas.

— ENTRADA 3\$000 —

Figura 2 - Concurso de Bandas Portuguezas realizado na Festa de São João na Rua do Riachuelo

Fonte: *Crítica*, 23 jun. 1929 - p.7

A Figura 3, a seguir, foi extraída de uma matéria publicada no jornal *Correio da Manhã* de 02 de outubro de 1966 no qual o Sr. José Rodrigues Pinho, português, músico, fundador da Banda Portugal e seu regente entre 1941 e 1948 é entrevistado. Na matéria o Sr. Pinho, como era conhecido, destaca a rivalidade entre as bandas portuguesas inclusive fazendo referência ao concurso realizado na Festa de São João no Bairro de Fátima, apresentado na Figura 2.

PROFESSOR

Aluno de um conterrâneo, Luís Augusto de Lima, quando ainda era menino em Portugal, "seu" Pinho ensinou muita gente no Brasil, inclusive maestros que regeram as bandas do Corpo de Bombeiros e dos Fuzileiros Navais. Por ter vencido um concurso de que participaram a Banda Portugal e sua congênere, a Lusitana, no Bairro de Fátima — antigo reduto de festas juninas portuguesas — ele recebeu como prêmio uma batuta de ouro.

"Sinto saudades do tempo em que nossas bandas se desafiavam em público, cada uma com a sua torcida, que ia esperar a sua saída da sede e acompanhava até o local do encontro" — conta o maestro: "A cada número respondiam as palmas e por vezes eram feitos concursos em que a platéia tinha o direito de votar, ao sair, colocando sua opinião sobre a melhor, na urna."

RIVALIDADE

A rivalidade, entretanto, era só musical, pois os integrantes das duas bandas sempre foram amigos e, em determinada ocasião, quando da visita ao Rio do piloto português, Sarmiento de Beires (que fez o primeiro vôo Lisboa-Macau), "seu" Pinho teve a oportunidade de reger os dois grupos interpretando melodia composta por ele para o dia da festa no antigo Zoo, de Vila Isabel.

Com oito netos e um filho — Flávio — o substituído na Banda Portugal, como músico, o maestro Pinho não gosta de falar de *it-it-it* e *bossa-nova*: "Gosto da arte e de música séria. Entretanto, os tempos mudaram e não condeno ninguém." Apesar disso, sua saudade do passado está expressa quando diz: "Hoje não existe mais aquela alegria sadia do passado. Acho tudo muito forçado."

Figura 3 - Trechos da entrevista com o Sr. José Rodrigues Pinho, fundador e maestro da Banda Portugal entre 1941 e 1948 nos quais o maestro fala sobre a rivalidade entre as bandas portuguesas.

Fonte: *Correio da Manhã*, 02 out. 1966 - p. 13

O maestro Pinho exalta, com certo saudosismo, a disputa entre as bandas, mas ressalta que a rivalidade entre os grupos se restringia à esfera musical e que a relação entre as bandas e os músicos era amistosa, como podemos observar na Figura 3.

Na próxima seção evidenciaremos como a rivalidade entre as bandas foi abordada nas entrevistas com os maestros e uma musicista das bandas portuguesas ainda em atividade.

4.2 MEMÓRIAS E NARRATIVAS

As entrevistas com os maestros das bandas que ainda estão em atividade foram realizadas, separadamente, por mim em 2016. A entrevista com a Sra. Graça foi, também, realizada por mim em 2017.

Optei, como fundamentação teórica para a análise dos segmentos narrativos, o conceito de análise temática proposto por Riessman (2008). Para a autora, toda investigação sobre narrativas é focada, obviamente, no conteúdo, "o que" é dito, escrito ou visualizado, contudo, na análise temática o conteúdo é o foco exclusivo de interesse. Riessman (2008) afirma que, na análise temática o objetivo

é escavar práticas concretas ou maneiras de trabalhar com as narrativas nas quais a atenção primeira esteja no “o que” é dito, ao invés do “como”, “para quem” ou “com que propósito”. Segundo a autora, a abordagem temática é adequada para uma ampla gama de textos narrativos e a análise temática pode ser aplicada a histórias que se desenvolvem em conversas de entrevistas e reuniões de grupo, e aquelas encontradas em documentos escritos. Para Riessman (2008), vários exemplos ilustram como as histórias podem ter efeitos além de seus significados para narradores individuais, criando possibilidades para identidades sociais, pertencimento a grupos e ação coletiva.

Na análise temática há um foco mínimo no como a narrativa é falada (ou escrita), em estruturas de linguagem que um narrador seleciona ou complexidades de transcrição, segundo Riessman (2008). As narrativas colhidas nas entrevistas são “limpas” até certo ponto, pois seus textos apagam as disfluências, as interrupções e outras características comuns das conversas nas entrevistas. Na análise temática das narrativas, a ênfase está no “contado” - os eventos e cognições aos quais a linguagem se refere (o conteúdo da fala). Consequentemente, a linguagem falada “confusa” é transformada para torná-la facilmente legível. Ainda de acordo com Riessman (2008), na análise temática a linguagem é vista como um recurso, e não como um tópico de investigação.

O primeiro segmento narrativo que apresentarei a seguir, foi transcrito a partir da entrevista realizada com o maestro José Soares, regente da Banda Portugal desde meados da década de 1990. Português, nascido em Viseu, alfaiate de profissão o Sr. José Soares migrou para o Brasil em 1955.

Neste segmento narrativo, perguntei-lhe a propósito da relação entre as bandas filarmônicas portuguesas da cidade do Rio de Janeiro e o maestro descreve, do seu ponto de vista, como se davam estas relações.

Segmento 1

José Soares: A relação entre elas é normal, eram pessoas normais. Só que havia aqueles portugueses antigos, que pegavam e iam no despique de uma pra outra, né? Na Penha especialmente havia. Só quando tocava mais ou menos. Cada um era um, não tinha problema nenhum. E eu, e eu sentia que havia aquele, como é o Flamengo e o Vasco. Uma rivalidadezinha...

Maestro Soares confirma que havia rivalidade entre os grupos, sobretudo, quando se apresentavam em despiques e destaca os que aconteciam na tradicional Festa da Penha. A Festa da Penha é uma festa católica, de origem portuguesa que, em 2019, completou 384 edições e é realizada, anualmente, do primeiro ao último domingo de outubro na Basílica de Nossa Senhora da Penha, situada na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. O santuário possui uma grande escadaria com 382 degraus que conduzem à Basílica e, no sopé da escadaria, no Largo

dos Romeiros, existem dois coretos, nos quais, nos domingos da festa, duas das bandas filarmônicas portuguesas da cidade do Rio de Janeiro se apresentavam nos moldes dos despiques realizados em Portugal. Interessante observar que Sr. José Soares faz referência aos “portugueses antigos” como pessoas que fomentavam a disputa e a rivalidade entre as bandas, o que denota uma hierarquização entre os migrantes. Por fim o Sr. Soares compara a rivalidade entre as bandas com a rivalidade entre clubes de futebol citando dois dos maiores clubes de futebol rivais do Rio de Janeiro - Flamengo e Vasco, e minimiza a questão classificando-a como uma “rivalidadezinha”, salientando que, fora do ambiente das bandas, todos eram pessoas normais e se relacionavam bem. Neste sentido observamos uma mitigação da força por meio do uso do diminutivo ao referir-se à rivalidade entre as bandas reiterando a coesão do grupo em detrimento da disputa.

Outros entrevistados também destacaram a Festa da Penha como o contexto performativo onde a rivalidade era reconhecida como mais acirrada, como no segmento narrativo a seguir extraído da entrevista com Sra. Graça, esposa do ex-presidente da Banda Portugal, Sr. Arlindo Schovinder (*in memorian*). Sra. Graça iniciou sua relação com a banda como frequentadora dos bailes promovidos na antiga sede da Praça XI, e acabou por tornar-se musicista da banda, onde atua como percussionista há alguns anos. Quando lhe perguntei como era a relação entre as bandas portuguesas da cidade do Rio de Janeiro, ela assim relatou:

Segmento 2

Graça: O bicho pegava feio! Nossa! Quando a banda tocava lá na Penha que o bicho pegava, né? Era uma no coreto e outra no outro. Aí, ali todo mundo dava o melhor. E tinha uma rivalidade. Sempre teve. Tem até hoje, né? Até hoje tem. Hoje, a gente estava falando hoje mesmo, eu e Pedro Paulo, é os “pepinento” querendo ser Banda Portugal. Mas é nunca!

A rivalidade entre as bandas existia, mas se tornava ainda maior na Festa da Penha. Graça enfatiza que a rivalidade persiste por meio da repetição “Tem até hoje, né? Até hoje tem”. Curiosamente a entrevistada acaba por salientar que a rivalidade operava de forma positiva, pois “ali todo mundo dava o melhor” o que contribuía para o aprimoramento musical das bandas. Graça também exalta a superioridade da Banda Portugal com relação à Banda Irmãos Pepino ao referir-se de forma pejorativa à outra banda como “os pepinento”.

Abaixo apresento uma foto dos coretos da “Igreja da Penha”, como é coloquialmente referida pelos participantes da pesquisa.



Figura 3: Coretos da Basílica Santuário de Nossa Senhora da Penha (RJ)

Fonte: site da Basílica Santuário de Nossa Senhora da Penha. Disponível em <<https://www.basilicasantuariopenhario.org.br/>>. Acesso em 20 set. 2018

O segmento narrativo 3, a seguir, foi extraído da entrevista com o Sr. José Ferreira, português, nascido em Trás-os-Montes, açougueiro de profissão que migrou para o Brasil em 1958 e foi um dos fundadores da Banda Irmãos Pepino naquele mesmo ano. É regente desta banda desde meados da década de 1990. Estávamos num determinado momento da interação quando, espontaneamente, emergiu a questão da rivalidade entre as bandas a partir do próprio entrevistado, quando, então, aproveitei para me aprofundar na questão, à qual o Sr. José Ferreira respondeu, conforme transcrito a seguir:

Segmento 3

José Ferreira: Então, era considerado assim: a 'rainha da sucata' era a Banda Portugal. Então, havia aquele negócio: banda mesmo era só a Portugal. O resto era tudo... resto. Nem a Lusitana tinha vez, porque eles se achavam os grandalhões, os melhores de tudo, e aquilo começou a me incomodar. Então, quando foi aquela rivalidade, eu comecei não gostando do tratamento e da maneira como se discutia a coisa entre as bandas de música. Aí comecei me afastando e ficando na minha aqui. Só ia lá porque o Catarino se dava muito bem comigo, eu e a mulher íamos almoçar na casa dele, ele vinha na minha, havia aquela amizade, mas, na banda, só quando ele me chamava. Quando ele me chamava, aí eu ia, quando não chamava, eu não ia. Então havia aquela rivalidade. E aí... eu fiquei aqui e naquele tempo na Banda Portugal era um peso muito grande... que aquela patriçada toda... era igual Vasco e Flamengo. Aquela patriçada era tudo Banda Portugal... aqueles patrícios velhos e era aquela rivalidade era... aqueles caras maduros ali que seguravam a coisa.

Neste segmento narrativo podemos observar que o Sr. José Ferreira relata,

que os músicos da Banda Portugal consideravam a sua banda superior às outras, ou nas suas palavras, “a rainha da sucata” o que denota que o entrevistado não era afeito a como as relações eram estabelecidas por eles, inclusive quando cita que “eu comecei não gostando do tratamento e da maneira como se discutia a coisa entre as bandas de música”. Neste sentido podemos observar que a rivalidade não tinha somente o lado positivo como evidenciamos nos segmentos narrativos da Sra. Graça. O Sr. José Ferreira relata, também, que possuía uma boa relação pessoal com o maestro Heitor Catarino, então regente da Banda Portugal, mas quando o assunto eram as bandas não era da mesma forma. Por fim, da mesma forma que Sr. José Soares no segmento narrativo transcrito anteriormente, Sr. José Ferreira caracteriza a relação entre as bandas como a relação entre “Vasco e Flamengo” referindo-se, também como Sr. José Soares, aos portugueses mais antigos utilizando expressões como “aqueles patrícios velhos”, “patriçada” e “caras maduros” que denota uma relação de superioridade destes migrantes com relação ao demais e pareciam nutrir de forma mais acentuada esta rivalidade.

5 | CONCLUSÕES

O processo de construção das memórias das bandas filarmônicas portuguesas da cidade do Rio de Janeiro tendo, como procedimentos metodológicos, a pesquisa em periódicos locais e a realização de entrevistas com atores deste processo, revelou características importantes destes grupos musicais, dentre elas, a questão da rivalidade entre as bandas, objeto de estudo deste artigo.

As narrativas de sujeitos das bandas em atividade permitiram a compreensão de como a rivalidade é essencial para a própria existência das bandas filarmônicas portuguesas na cidade Rio de Janeiro, assim como nos despiques em Portugal, no olhar destes atores. Observou-se que o tema da rivalidade entre as bandas foi recorrente e emergiu antes mesmo de realizarmos qualquer pergunta neste sentido na entrevista com o Sr. José Ferreira.

Os segmentos narrativos evidenciaram que a rivalidade trazia um sentimento de pertencimento aos músicos de cada banda e foi o motor para que estes grupos musicais estivessem constantemente motivados a se apresentar melhor explicitando, também, a questão afetiva dos músicos e maestros para com as bandas, comparada à paixão dos torcedores de futebol por seus clubes. É possível perceber, também, que ambos os maestros se referem à rivalidade entre as bandas como algo fomentado pelos portugueses mais antigos, tradição herdada dos despiques realizados em Portugal.

Os despiques entre as bandas filarmônicas portuguesas na cidade do Rio de Janeiro eram os contextos performativos mais aguardados pelos músicos e fãs das

bandas em ocasiões como a Festa da Penha, colaborando na elevação do nível artístico dos grupos por conta das disputas entre eles.

A grande redução do número de músicos portugueses nas bandas, por conta do envelhecimento da colônia migrante e do desinteresse dos luso-descendentes em seguir com esta manifestação cultural, fez com que estes grupos musicais começassem a contratar músicos brasileiros para completar os naipes deficitários. Este momento dá início ao gradativo declínio das bandas filarmônicas portuguesas da cidade do Rio de Janeiro, pois começa a perda do afeto e da memória, uma vez que, para um músico brasileiro, tocar em uma banda portuguesa é apenas um trabalho, e, portanto, não têm as lembranças das características que tanto motivaram a rivalidade entre estes grupos musicais, sobretudo, entre aqueles que vivenciaram as disputas musicais nos despiques em Portugal.

A Banda Portugal, que já chegou a possuir duas sedes, foi incorporada, em 2012, ao Liceu Literário Português, seu atual mantenedor, e não possui mais existência autônoma nem qualquer patrimônio. Dentre seus integrantes, só há dois migrantes portugueses - o maestro e um músico. A Banda Irmãos Pepino sobrevive do aluguel de sua quadra para atividades desportivas e tem sérios problemas para pagar as despesas mais básicas, uma vez que não possui mais associados no seu quadro social. O único migrante português na banda é o maestro.

Ambos os maestros estão na casa dos 80 anos de idade e, apesar de todas as dificuldades e muitos músicos de uma banda tocarem na outra, ainda mantêm viva a chama da rivalidade. O Liceu Literário Português chegou a propor uma fusão das duas bandas que foi recusada pelos dois maestros.

No final de 2018, presenciei mais uma, dentre as inúmeras situações vivenciadas ao longo de mais de trinta anos de convivência nos seios das bandas filarmônicas portuguesas da cidade do Rio de Janeiro, nas quais, foi possível observar que a rivalidade ainda opera e motiva ambos os grupos musicais, através de seus regentes: organizei, como Presidente da Associação de Bandas de Música do Estado do Rio de Janeiro (ASBAM-RJ), a Maratona de Bandas de Música Cívica do Estado do Rio de Janeiro, evento de caráter não competitivo, que reuniu, em dois dias, quatorze bandas de todo o estado do Rio de Janeiro. Foi realizado um sorteio prévio para definir a ordem de apresentação em cada dia do evento, e o maestro José Ferreira, da Banda Irmãos Pepino, recusou-se a tocar no mesmo dia da Banda Portugal, contudo foi assisti-la, no primeiro dia. No segundo dia de apresentações, eu estava na porta da Escola de Música da UFRJ, local onde foram realizadas as apresentações naquele dia, e o maestro José Soares, da Banda Portugal, chegou atrasado, um tanto quanto esbaforido, e, ao me ver, a primeira coisa que disse foi: “A Banda Irmãos Pepino já tocou?”.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Liliana Cabral. Contando histórias em contextos espontâneos e institucionais - uma introdução ao estudo da narrativa. In: **Calidoscópio**, v. 3, n. 2. São Leopoldo: Ed. da UNISINOS, 2005, p. 74-87.
- _____. Histórias, Vida Cotidiana e Identidade - Uma Introdução ao Estudo da Narrativa. In: COULTHARD, C.R.C e CABRAL, L.S (Org.). **Desvendando discursos: conceitos básicos**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008, p. 79-111.
- BRUCHER, Katherine M. **A Banda da Terra: Bandas Filarmônicas and the Performance of Place in Portugal**. 2005. 312 f. Tese (Doutorado em Música) - University of Michigan, Ann Arbor, 2005.
- BRUNER, Jerome. Atos de Significação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p. 39 - 64.
- CARINHAS, Teóphilo. **Álbum da Colônia Portuguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Theóphilo Carinhas, 1929.
- CASTELO BRANCO, Salwa El-Shawan. **Voix du Portugal**. Cité de La Musique, Actes Sud, 1997, p. 62-73.
- FARIAS, Francisco Ramos de. Apresentação. In: _____. (Org.) **Apontamentos em Memória Social**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011, p. 7-9.
- GONDAR, Jô. Cinco apontamentos em Memória Social. In: DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco Ramos de; GONDAR, Jô. (Org.). **Morpheus: revista de estudos interdisciplinares em memória social**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 9, p. 19-40, 2016.
- GRANJO, André. **The Wind Band Movement in Portugal: Praxis and Constrains**. 2005. 103 f. Dissertação (Mestrado em Música). Zuid-Nederlandse Hogeschool voor Muziek, Maastricht, 2005.
- OLIVEIRA, Antonio Henrique Seixas de. **Acordes filarmônicos ecoam na Guanabara - memórias e narrativas das bandas portuguesas da cidade do Rio de Janeiro**. 2018. 245f. Tese (Doutorado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- REILY, Suzel Ana; e BRUCHER, Katherine. "Introduction: The World of Brass Bands", in: Suzel Ana Reily; Katherine REILY, S. A. e Brucher , K. M. (Org.), **Brass Bands of the World: Militarism, Colonial Legacies, and Local Music Making**. New York: Routledge, 2013, p. 1-31.
- RIESSMAN, Catherine Koehler. **Narrative Methods for the Human Sciences**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2008.
- SPINK, M. J. P.; FREZZA, R. M. (2004). Práticas Discursivas e Produção de Sentidos: a perspectiva da Psicologia Social. In: SPINK, M. J. P. (org.). **Práticas Discursivas e Produção de Sentido no Cotidiano**. São Paulo: Cortez. p. 17- 39.

ÍNDICE REMISSIVO

B

Bandas Filarmônicas 74, 75, 76, 77, 79, 83, 84, 86, 87, 88

C

Capital Cultural 1, 2, 3, 5, 8, 9

Chorinho 37, 38, 40, 41, 42

Chorinho da Praça 37, 38, 42

Cognições 83

Criatividade 25

D

Desenvolvimento 14, 15, 21, 24, 25, 27, 29, 32, 33, 52, 53, 57, 71, 89, 95, 98, 99, 101, 104, 107, 108, 109, 112, 113

Didáticas Variadas 23

E

Educação Fundamental 102

Educação Musical 1, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 34, 35, 46, 47, 53, 58, 59, 61, 72, 115

Ensino-Aprendizagem 35, 47, 48, 55, 57, 90, 96, 102, 115

Ensino da Música 13, 28

Ensino Fundamental 15, 60, 102, 107

Epistemologia genética 60, 63

Escolas de Música 1, 3, 5, 6, 7, 9

Extensão 104, 105, 106, 107, 113, 114, 123

F

Folclore 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 31, 34

G

Gêneros Musicais 5, 6, 8, 11, 18, 19, 107, 111, 113

Grupo Chorinho da Praça 37

I

Inter-relações 37, 38, 39, 45

L

Linguagem 14, 23, 27, 28, 34, 60, 61, 83, 91, 92, 95, 96, 118, 119, 120

Língua Inglesa 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99

Literatura 15, 27, 28, 38, 48, 112, 115, 116, 117, 120, 121, 122

M

Memórias 74, 75, 76, 77, 78, 79, 82, 86, 88, 120

Migração 74, 76

Movimento 21, 39, 77, 118, 121

Musibaille 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58

N

Noção de Música 60, 64, 72

P

Pedagogia Musical 7, 48

Percepção Musical 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 50, 57

Pesquisa 1, 3, 9, 13, 14, 21, 23, 25, 26, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 58, 59, 60, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 75, 76, 78, 79, 84, 86, 89, 98, 101, 103, 104, 105, 110, 111, 115, 123

Práticas pedagógicas 28, 113

R

Rimas 19, 115, 116, 119, 120

Rio de Janeiro 1, 2, 3, 21, 34, 35, 36, 39, 46, 48, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 83, 84, 86, 87, 88, 102, 115, 120, 121, 122, 123

Ritmos 31, 32, 33, 34, 35, 115, 116, 118, 119, 120

Rivalidade 74, 76, 77, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87

Roda de Choro 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46

S

Software 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59

Sons 14, 62, 71, 72, 94, 95, 115, 116, 117, 119, 120

U

Utilização pedagógica 47, 52, 53, 57, 58

 **Atena**
Editora

2 0 2 0